

## O PAPEL DA ESCOLA NA SAÚDE MENTAL DOS ESTUDANTES COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS E A REAL INCLUSÃO

ZAGO, Nadya Silva<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo analisa o papel da escola na promoção da saúde mental dos estudantes com necessidades educacionais especiais (NEE) e discute a efetivação da inclusão escolar como condição essencial para o desenvolvimento integral. Fundamentado em autores como Maria Teresa Eglér Mantoan, Susan e William Stainback, Maria Júlia Canazza Dall'Aqua, Relma Urel Carbone Carneiro e Patrícia Moralis Caramori, bem como Vigotski, Bronfenbrenner e Ainscow, o estudo reflete sobre como as práticas pedagógicas e o clima emocional da escola impactam diretamente o bem-estar dos estudantes. Defende-se que a inclusão verdadeira ultrapassa o simples acesso físico ao espaço escolar, exigindo acolhimento afetivo, respeito às diferenças e valorização das potencialidades individuais. A escola é compreendida como um espaço de cuidado, pertencimento e desenvolvimento humano, capaz de prevenir o sofrimento psíquico e fortalecer a autoestima. Conclui-se que a promoção da saúde mental depende de práticas colaborativas, formação docente contínua e políticas intersetoriais entre educação e saúde.

**Palavras-chave:** inclusão escolar; saúde mental; necessidades educacionais especiais; bem-estar emocional; práticas pedagógicas.

### ABSTRACT

*This article analyzes the role of schools in promoting the mental health of students with special educational needs (SEN) and discusses the realization of school inclusion as an essential condition for holistic development. Based on authors such as Maria Teresa Eglér Mantoan, Susan and William Stainback, Maria Júlia Canazza Dall'Aqua, Relma Urel Carbone Carneiro, and Patrícia Moralis Caramori, as well as Vygotsky, Bronfenbrenner, and Ainscow, the study reflects on how pedagogical practices and the school's emotional climate directly affect students' well-being. It argues that true inclusion goes beyond physical access, requiring emotional support, respect for differences, and appreciation of individual potential. The school is understood as a space of care, belonging, and human development, capable of preventing psychological distress and strengthening self-esteem. It concludes that promoting mental health depends on collaborative practices, continuous teacher training, and intersectoral policies between education and health.*

**Keywords:** School inclusion; mental health; special educational needs; emotional well-being; pedagogical practices.

## 1 INTRODUÇÃO

A relação entre educação e saúde mental vem sendo objeto de crescente atenção nas últimas décadas. A escola, como espaço de convivência e aprendizagem, pode ser

<sup>1</sup> <http://lattes.cnpq.br/6833142310343315>

tanto um fator de proteção quanto um agente de risco para o desenvolvimento emocional dos estudantes. Essa dualidade é ainda mais evidente no caso dos alunos com necessidades educacionais especiais (NEE), cuja trajetória escolar é frequentemente marcada por desafios de adaptação, preconceito e exclusão.

Para Mantoan (2003, p. 15), “a inclusão é um processo político, cultural e pedagógico que deve transformar as escolas em lugares onde todos aprendem juntos, independentemente de suas diferenças”.

A autora destaca que a presença física dos estudantes com deficiência ou outras necessidades não garante a inclusão real; é preciso promover condições afetivas, sociais e cognitivas para que eles se desenvolvam integralmente.

Stainback e Stainback (1996, p. 29) complementam que “a inclusão verdadeira acontece quando cada aluno sente que pertence, que é valorizado e que pode contribuir com sua turma”. Essa sensação de pertencimento está diretamente relacionada à saúde emocional, pois o sentimento de rejeição ou inferioridade pode gerar ansiedade, isolamento e desmotivação.

Nesse sentido, a escola tem papel essencial na promoção da saúde mental e do bem-estar dos estudantes com NEE. Mais do que adaptar currículos, é preciso construir ambientes de acolhimento e reconhecimento, em que a diversidade seja vivenciada como uma riqueza.

O presente artigo tem como objetivo analisar o papel da escola na promoção da saúde mental dos estudantes com NEE e refletir sobre os desafios e as condições necessárias para a efetivação de uma inclusão escolar real.

## 2 MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa tem caráter qualitativo, exploratório e bibliográfico, voltada à reflexão crítica sobre o papel da escola na promoção da saúde mental de estudantes com necessidades educacionais especiais (NEE) e à análise dos princípios da inclusão escolar. A pesquisa bibliográfica permite examinar teorias e resultados de estudos já produzidos, oferecendo base para novas interpretações e articulações conceituais.

O levantamento teórico foi realizado a partir de obras de referência na área da educação inclusiva, especialmente Mantoan (2003; 2015), Stainback e Stainback (1996) e Dall’Aqua, Carneiro e Caramori (2018), além de autores complementares como Vigotski (1997), Bronfenbrenner (1996), Ainscow (2005) e Florian (2015). Também



foram considerados documentos oficiais, como a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008) e as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (2001), que orientam práticas escolares e o atendimento educacional especializado (AEE).

A análise foi conduzida por meio da interpretação crítica dos referenciais teóricos, buscando identificar convergências e divergências entre as concepções de inclusão e as práticas escolares relacionadas ao bem-estar emocional dos estudantes. Para tanto, utilizou-se a análise temática, que organiza os dados em eixos de sentido — neste caso: (1) inclusão escolar e desenvolvimento humano; (2) saúde mental e vínculos na escola; (3) desafios e possibilidades de uma inclusão real.

Essa metodologia possibilitou compreender que o debate sobre inclusão e saúde mental ultrapassa os aspectos pedagógicos, articulando-se com dimensões afetivas, sociais e culturais do processo educativo. Assim, o estudo assume natureza reflexiva e teórico-documental, fundamentada em princípios éticos de respeito à diversidade e valorização da dignidade humana.

### 3 RESULTADOS

A análise das obras estudadas permitiu identificar que a escola desempenha papel essencial na promoção da saúde mental e do bem-estar emocional dos estudantes com necessidades educacionais especiais (NEE). Os autores analisados convergem ao afirmar que a inclusão real vai além do simples acesso físico ao espaço escolar, manifestando-se na criação de ambientes de acolhimento, pertencimento e valorização das diferenças.

As reflexões de Mantoan (2003; 2015) destacam que a escola inclusiva é um espaço em constante transformação, onde as relações humanas constituem a base do processo educativo. A autora defende que o sucesso da inclusão depende de práticas pedagógicas pautadas no diálogo, no respeito e na escuta sensível das necessidades individuais de cada estudante, compreendendo a diversidade como princípio educativo.

De forma complementar, Stainback e Stainback (1996) sustentam que a inclusão só é efetiva quando todos os alunos se sentem parte do grupo e têm oportunidades de contribuir com a aprendizagem coletiva. Essa abordagem transforma a escola em uma comunidade de aprendizagem comprometida com o crescimento emocional e social de todos os seus membros.



Já Florian (2015) amplia esse debate ao propor o conceito de pedagogia inclusiva, que parte do reconhecimento de que ensinar a todos é responsabilidade de cada professor. Segundo a autora, o foco da inclusão não está na deficiência, mas na capacidade do ensino de se adaptar às necessidades dos alunos. Essa perspectiva reforça a importância do trabalho docente como agente de promoção da autoestima, segurança emocional e pertencimento escolar.

Os resultados apontam que estratégias de acolhimento e escuta ativa, como rodas de conversa, planos de ensino individualizados e o trabalho colaborativo entre sala comum e AEE, são fundamentais para o equilíbrio emocional dos estudantes com NEE. Tais práticas permitem que o professor atue como mediador do desenvolvimento humano e do cuidado emocional, fortalecendo os vínculos e reduzindo o sofrimento psíquico.

Entretanto, os autores consultados reconhecem que ainda existem barreiras estruturais e formativas que dificultam a consolidação de uma cultura escolar verdadeiramente inclusiva. A carência de formação docente contínua, a ausência de políticas intersetoriais entre educação e saúde e o estigma social em torno da deficiência permanecem como desafios significativos. Conforme Ainscow (2005), superar essas barreiras exige a criação de comunidades colaborativas de prática, nas quais os professores aprendam uns com os outros e reflitam coletivamente sobre suas práticas.

Assim, os resultados da pesquisa bibliográfica evidenciam que a promoção da saúde mental e do bem-estar na escola depende de práticas pedagógicas humanizadas, da valorização da diversidade e da atuação conjunta de todos os profissionais da educação. A escola que se entende como um espaço de cuidado, escuta e cooperação contribui não apenas para o aprendizado cognitivo, mas também para o crescimento emocional, social e ético de seus estudantes.

#### **4 INCLUSÃO ESCOLAR E DESENVOLVIMENTO HUMANO**

A perspectiva inclusiva proposta por Mantoan (2003) rompe com a lógica integradora, que apenas insere o estudante na escola comum sem transformá-la. A autora defende que a escola inclusiva é aquela “capaz de reconhecer e valorizar a diferença como parte constitutiva da condição humana” (MANTOAN, 2003, p. 22).

Dall’Aqua, Carneiro e Caramori (2018, p. 40) reforçam essa visão ao afirmarem que “a inclusão implica corresponsabilidade de todos os profissionais da escola na

construção de práticas pedagógicas que respeitem o ritmo e as potencialidades de cada estudante”.

Do ponto de vista do desenvolvimento humano, Vigotski (1997, p. 118) já havia apontado que “o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento processos que, de outra forma, não aconteceriam”. Ou seja, a mediação pedagógica sensível às necessidades individuais é condição para o crescimento cognitivo e emocional.

Na mesma direção, Bronfenbrenner (1996) destaca que o desenvolvimento humano é influenciado por múltiplos contextos, sendo a escola um microsistema central que interage com outros (família, comunidade, saúde). Assim, um ambiente escolar seguro, afetivo e inclusivo torna-se um fator de proteção psíquica e social.

## 5 SAÚDE MENTAL E VÍNCULOS NA ESCOLA

A saúde mental no contexto escolar deve ser compreendida como um estado de bem-estar e equilíbrio emocional que favorece o aprendizado e as relações sociais. A escola, portanto, é também um espaço de cuidado.

Para Stainback e Stainback (1996, p. 47), “os professores são mediadores não apenas do conhecimento, mas também de atitudes e valores que definem a qualidade das relações na sala de aula”. A forma como o professor se relaciona com seus alunos influencia diretamente o clima emocional da turma.

Segundo Mantoan (2015, p. 61), “não há aprendizagem sem vínculo, sem o afeto que sustenta o processo de ensinar e aprender”. O vínculo, nesse contexto, atua como mediador entre a aprendizagem e o bem-estar psicológico.

A escola pode e deve desenvolver ações preventivas, como rodas de conversa, programas de convivência, projetos de escuta ativa e integração com o Atendimento Educacional Especializado (AEE). Esse atendimento deve ir além da adaptação curricular, funcionando como espaço de mediação e apoio emocional.

Ainscow (2005) destaca que a inclusão se fortalece quando as escolas constroem culturas colaborativas e reflexivas, capazes de identificar e responder às barreiras para a aprendizagem. A formação docente contínua é, portanto, essencial para o desenvolvimento de competências socioemocionais nos educadores e para o acolhimento efetivo dos alunos.

## 6 DESAFIOS E POSSIBILIDADES DE UMA INCLUSÃO REAL

Apesar dos avanços legais e teóricos, a inclusão enfrenta barreiras estruturais e culturais. A falta de preparo docente é uma das principais dificuldades. Dall'Aqua et al. (2018, p. 52) afirmam que “a ausência de formação específica leva muitos professores a interpretarem a diferença como incapacidade, e não como diversidade de modos de aprender”.

Além disso, as escolas frequentemente não contam com suporte psicológico suficiente, o que dificulta a identificação precoce de sinais de sofrimento psíquico. Como observa Florian (2015, p. 38), “a pedagogia inclusiva começa quando o professor reconhece que ensinar todos é parte da sua responsabilidade, e não uma tarefa delegada a especialistas”.

Outros desafios envolvem o estigma, o capacitismo e a resistência institucional a mudanças. Mantoan (2003) argumenta que a exclusão está enraizada em uma tradição escolar seletiva, que valoriza o desempenho padronizado e ignora os diferentes modos de aprender e participar.

Superar essas barreiras requer uma mudança cultural profunda, com o reconhecimento de que a inclusão é uma prática ética, não apenas pedagógica. Envolve políticas públicas integradas entre educação e saúde, formações permanentes e uma gestão escolar comprometida com o bem-estar coletivo.

## 7 CONCLUSÃO

A escola exerce papel central na promoção da saúde mental dos estudantes com NEE, pois é um dos principais contextos de socialização e desenvolvimento humano. As obras de Mantoan, Stainback e Dall'Aqua convergem ao indicar que a inclusão real exige mudança de paradigmas, reorganização das práticas pedagógicas e acolhimento afetivo.

Ao reconhecer a diferença como elemento constitutivo da aprendizagem, a escola se torna um espaço de vida, de encontro e de cuidado. Mais do que uma instituição de ensino, torna-se um ambiente de proteção psíquica e promoção de vínculos saudáveis.

A efetivação dessa proposta depende de políticas públicas integradas, da formação contínua de educadores e da atuação de equipes multiprofissionais. Somente assim será possível garantir que a inclusão deixe de ser um ideal e se torne uma realidade transformadora, promotora de bem-estar, cidadania e equidade.



## REFERÊNCIAS

- AINS-COW, Mel. Understanding the development of inclusive education. **British Journal of Special Education**, v. 33, n. 2, p. 63–68, 2005.
- BRONFENBRENNER, Urie. **A ecologia do desenvolvimento humano**: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- DALL’AQUA, Maria Júlia Canazza; CARNEIRO, Relma Urel Carbone; CARAMORI, Patrícia Moralis (orgs.). **Educação especial e inclusiva**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2018.
- FLORIAN, Lani. **Inclusive pedagogy in action**: getting it right for every child. London: Routledge, 2015.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar**: o que é? por que? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **O desafio das diferenças na escola**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- STAINBACK, Susan; STAINBACK, William. **Inclusão**: um guia para educadores. Porto Alegre: Artmed, 1996.
- VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.